

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

KAROL MYSLIWIEC, *Eros on the Nile*, Londres, Duckworth, Cornell University, 2004, 180 pp., ISBN 0-7156-3302-3

O aliciante tema do erotismo no antigo Egípcio tem merecido, nos últimos anos, várias abordagens, não só no estrangeiro mas também no nosso país. A ele se dedicou Karol Mysliwiec, professor de Egiptologia na Universidade de Varsóvia e director do Centro de Pesquisa para a Arqueologia Mediterrânica (da Academia Polaca de Ciências), que tem procedido a várias escavações na zona de Sakara desde 1987. O texto original foi inicialmente publicado em polaco, com o título de *Eros nad Nilem*, tendo sido traduzido para inglês por Geoffrey L. Packer.

Ao vislumbrar as concepções dos antigos Egípcios sobre a sexualidade (humana ou divina) e o erotismo ficamos mais aptos a compreender a sua mentalidade, os usos e os costumes daqueles remotos tempos pré-clássicos nas margens do Nilo. E buscando o seu conhecimento, tanto na apreensão do erotismo terreno como daquele que se usava entre os deuses, especialmente os deuses criadores e vocacionados para a fecundidade, mais enriquecemos o nosso saber egiptológico - na condição de o estudo se basear na séria e esmerada interpretação dos documentos. Na verdade, o tema do erotismo humano e as subtis questões relacionadas com a cópula divina não podem ser abordadas de uma forma boçal e alvar, e o Autor do presente volume não segue, como seria de esperar, por esse tortuoso caminho. É, pois, com um evidente e bem documentado pendor hermenêutico que Karol Mysliwiec, na esteira dos precursores e frescos estudos de Lise Manniche (*Sexual Life in Ancient Egypt*, 1987, e artigos publicados anteriormente), nos oferece o estudo que aqui recenseamos.

Ao índice da p. V (não numerada) segue-se na página seguinte um mapa do antigo Egípcio, incluindo a Núbia (Uauat e Kuch), e mostrando também alguns oásis ocidentais (Bahareia, Dakhla e Kharga, mas omitindo Farafra).

Na p. VII começa o prefácio, onde o Autor, até à p. XVI, justifica a abordagem do tema em apreço para satisfazer a sua própria curiosidade, já que, movendo-se no âmbito da pesquisa arqueológica, estava embrenhado noutras questões. Encetou então as suas pesquisas, com a mesma naturalidade com que os Egípcios abordavam a matéria sexual, familiarizando-se com o manuseamento da documentação existente, desde amuletos de claro timbre erótico, pinturas tumulares, relevos de santuários (nomeadamente os de Bés), papiros e óstracos,

descrições mitológicas ou passagens de textos concernentes. Segue-se a Introdução (p. 1-3), onde se resumem as fontes que possibilitam um bem fundamentado estudo do tema.

O primeiro capítulo apresenta os «Major Theological Systems» (pp. 4-45), onde se descrevem os mitos criacionais de Heliópolis, Hermópolis, Tebas e Mênfis. No caso de Heliópolis, a cosmogonia urdida pelo clero local pôs o deus Atum a masturbar-se, para dele saírem Chu e Tefnut, que engendraram Geb e Nut e, destes, Osíris, Ísis, Set e Néftis (é a célebre Enéade). Depois é evocado o culto de Min, deus itifálico e copulador, cujos festivais eram muito concorridos, estando as cenas gravadas em vários relevos murais, com destaque para os do templo funerário de Ramsés III em Medinet Habu. Outros cultos fálicos são evocados, ligados a Amon-Ré Kamutef e até mesmo a Osíris, que por vezes aparece itifálico (além das próprias divindades, também os seus falos são objecto de um culto específico), explicitando-se o papel das divindades do céu e da terra, e o papel do sexo nos mitos egípcios, as lutas entre Hórus e Set, que conduzem a uma apreciação dos aspectos homossexuais presentes no mito. Em seguida são sintetizados os sistemas cosmogónicos de Hermópolis e Tebas (pp. 39-43), incluindo-se aqui a criação feita por Khnum, a qual é oriunda de Elefantina-Assuão, e o sistema cosmogónico abstracto e porventura mais filosófico, urdido pelo clero de Ptah em Mênfis (pp. 43-45).

Entre o primeiro e o segundo capítulos inseriram-se páginas com várias imagens, algumas delas a cores (imagens tumulares de casais, figurinhas de terracota, imagens de sarcófagos e baixos-relevos de templos). Note-se que uma das imagens que consta no extratexto, a figurinha de Ísis-Afrodite, que levanta a saia para mostrar a região púbica, tem similar numa estatueta do nosso Museu Nacional de Arqueologia, enquanto a mulher que abre as pernas para exhibir a vulva tem correspondente numa peça do acervo egípcio da colecção Sam Levy (Lisboa).

O capítulo 2 trata de «Osiris in Myth and Cult» (pp. 55-65), manejando a grande fonte de informação que é a clássica obra de Plutarco *De Iside et Osiride*. O problema do falo cortado a Osíris e devorado por um peixe foi adrede resolvido com a implantação de um pénis artificial para que Ísis pudesse ter Hórus de Osíris. No entanto, e de acordo com o Autor, não podemos garantir que Ísis não pudesse ter tido coito com Osíris quando este ainda estava vivo. Descreve-se depois a vida de Hórus e a sua generalizada receptividade como Hórus Criança (Harpócrates) na Época Greco-Romana. É dada natural ênfase aos aspectos relacionados com a luta pelo bem, com Hórus emergindo

na sua plenitude como vingador de seu pai Osíris (Hornedjeti). Por outro lado, os trabalhos de escavação levados a cabo em Athribis (Tell Atrib) revelaram muitos dados sobre o culto de Osíris na zona, e afinal em todo o Delta.

Entre o segundo e o terceiro capítulos surge novamente um bloco de ilustrações, desta vez só a preto e branco. Lá estão conhecidas imagens de timbre erotizante, algumas do reinado de Akhenaton, e uma foto das escavações em Tell Atrib mostrando a zona dos banhos públicos, onde foram achadas várias estatuetas relacionadas com a fecundidade.

O capítulo 3 apresenta «Apis and Other Sacred Bulls» (pp. 75-80), recordando que desde tempos muito remotos o touro foi associado à realeza, e, por isso mesmo, ele aparece com frequência na iconografia régia, e logo desde a I dinastia (veja-se a Paleta de Narmer). O boi Ápis (forma grega do egípcio Hep ou Hapi) podia ser reconhecido por características muito específicas. Era preto, com um triângulo branco invertido na fronte, apresentava uma mancha clara com a forma de um abutre de asas abertas a atravessar os ombros, uma marca como um crescente nos flancos e uma outra do formato de um falcão a abraçar-lhe o abdómen. A cauda tinha pêlos duplos e por baixo da língua exibia uma marca preta do feitio de um escaraveiro. Ao boi Ápis era prestado um fervoroso culto, sobretudo na região sakariano-menfita que ganharia grande amplitude na Época Greco-Romana, chegando ao ponto de o animal suplantar o próprio deus Ptah de quem ele era a viva hipostase. Quando Ápis morria originava um pesado luto, e multidões entristecidas e convulsas demonstravam a sua dor, esperando ansiosamente que os sacerdotes depressa encontrassem um substituto com as mesmas características físicas do touro inumado.

Outros touros sagrados são Meruer (em grego Mnévis), cultuado em Heliópolis como animal sagrado do deus Ré, e Bekh (em grego Bukhis), o animal sagrado do deus Montu, muito venerado na região tebana. Para o touro Meruer, há duas versões acerca do seu tipo de pelagem: seria negra com desenhos de espigas claras no corpo e na cauda, ou então clara, se bem que algumas representações do animal o mostrem com uma cor mais avermelhada. Em todo o caso, era uma raça com possantes músculos peitorais, diferente do célebre Ápis menfita. Quanto a Bekh, manifestação de Montu, ele teria uma bela pelagem branca, disposta em sentido contrário à dos outros bovinos e com a particularidade de mudar de cor de tempos a tempos, sendo a sua cabeça preta; outra versão afirma que a pelagem era preta e a

cabeça é que era branca. No dorso deveria exibir uma mancha que sugerisse a imagem de um falcão.

«Religious Aspects of Royal Power» é o tema do capítulo 4 (pp. 81-104), onde se descrevem as cenas registadas em alguns templos que mostram o nascimento divino do faraó (ou, no caso de Hatchepsut, da rainha faraó). O texto é acompanhado de imagens dos relevos dedicados ao tema, gravados no templo de Lucsor (Amen-hotep III) e no templo de Deir el-Bahari (Hatchepsut). A temática propicia a evocação do importante papel das divinas esposas de Amon e, mais tarde, das divinas adoradoras de Amon, esclarecendo-se ainda o significado do harém real.

Segue-se mais um bloco de ilustrações a preto e branco (imagens com relevos de templos e estelas, estatuetas de terracota de carácter erótico, recipientes decorados, etc.), após o que entramos na «Religion and Magic in Daily Life» com o capítulo 5 (pp. 113-127), com o ideal de beleza visto ao longo dos tempos (era diferente no Império Antigo, no Império Médio e no Império Novo e noutras épocas), exemplos eróticos em passagens da poesia lírica, sendo traduzidos alguns dos mais elucidativos poemas de amor, até se chegar ao famoso *Papiro Pornográfico de Turim*, cujo conteúdo, em texto e imagem, é desenvolvidamente comentado.

Novo bloco de ilustrações a preto e branco (casais enlaçados em relevos e pinturas fúnebres, além de outras imagens), para depois surgir o último capítulo, o qual discorre sobre «Sexual Life: Standards and Constraints» (pp. 137-150), abordando-se aqui temas ligados à fertilidade, magia e medicina (algumas receitas tinham a ver com um vistoso e bom desempenho sexual), casamento e divórcio (assuntos em que a mulher egípcia tinha um estatuto similar ao do homem, não podendo ser vítima de arbitrariedades). A obra vai terminar com uma «Chronological Table of Ancient Egypt» (pp. 151-153), uma lista das abreviaturas usadas (p. 155), a bibliografia (pp. 157-166), as fontes das ilustrações (pp. 167-168) e o índice (pp. 169-180).

É um volume que vivamente se saúda e se recomenda e que surge muito favorecido pelos blocos de ilustrações em extratexto para sustentar de forma plausível a aliciante matéria aqui tratada. Além do mais vem mesmo a propósito numa altura em que o Instituto Oriental está a organizar o II Congresso para Jovens Egiptólogos, com o tema «Sexualidade no Antigo Egipto».

Luís Manuel de Araújo